

**A ASOCIACIÓN DOWN DE RIVERA: OFICINAS QUE COMPÕE O ESPAÇO FÍSICO,
EDUCATIVO E SOCIAL**

**THE DOWN ASSOCIATION OF RIVERA: OFFICES THAT MAKE UP THE PHYSICAL,
EDUCATIONAL, AND SOCIAL SPACE**

 <https://doi.org/10.63330/revalvoradav1n1-004>

Submetido em: 03/07/2026 e Publicado em: 24/07/2026

RA: e261995

Diego Emanuel Veis Bentancourt

Mestre em Políticas Públicas e Gestão Educacional
UFSM

E-mail: prof.diegoweis@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1075-2308>

José Carlos Padalgai Ramos

Estudante de Tecnicatura em Artes Plásticas e Visuais
UDELAR

E-mail: poragatito@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-5777-7457>

RESUMO

Este estudo analisa a importância das associações de pessoas com síndrome de Down na promoção da inclusão social, autonomia e desenvolvimento integral dos sujeitos, destacando oficinas como: teatro, informática, dança folclórica, gastronomia, jardinagem e a parte técnica: psicopedagogia, assistente social, fonoaudiologia e coordenação. A pesquisa busca compreender, por meio das narrativas dos participantes, as potencialidades dessas atividades nos processos educativos, formativos e profissionais, bem como na promoção da independência e do pertencimento social. Fundamenta-se em perspectivas teóricas que compreendem a deficiência para além do modelo biomédico, valorizando as singularidades, subjetividades e formas de comunicação das pessoas com síndrome de Down, inclusive aquelas não oralizadas. O estudo dialoga com produções acadêmicas que investigam as narrativas desses sujeitos em dimensões culturais, identitárias e educacionais, destacando autores como Schwartzman (2003), Gilbert (2012; 2017), Link (2002), Zachello, Paul e Gurski (2015) e Seno (2014). Metodologicamente, a pesquisa utilizará observação participativa durante as oficinas e entrevistas semiestruturadas com osicineiros, posteriormente gravadas, transcritas e analisadas à luz da análise do discurso. Espera-se identificar como as oficinas contribuem para a formação, autonomia e trajetórias profissionais dos participantes, evidenciando que pessoas com síndrome de Down possuem potencialidades subjetivas e interativas que devem ser reconhecidas e estimuladas em espaços inclusivos.

Palavras-chave: Autonomia; Educação inclusiva; Narrativas; Oficinas; Síndrome de Down.

ABSTRACT

This study analyzes the importance of associations for people with Down syndrome in promoting social inclusion, autonomy, and the holistic development of individuals, highlighting workshops such as theater, computer skills, folk dance, gastronomy, gardening, and the technical services of educational psychology, social work, speech-language pathology, and coordination. The research seeks to understand, through the participants' narratives, the potential of these activities in educational, developmental, and professional processes, as well as in promoting independence and a sense of social belonging. It is grounded in theoretical perspectives that understand disability beyond the biomedical model, valuing the singularities, subjectivities, and forms of communication of people with Down syndrome, including those who do not use oral speech. The study engages with academic works that investigate the narratives of these individuals in cultural, identity-related, and educational dimensions, highlighting authors such as Schwartzman (2003), Gilbert (2012; 2017), Link (2002), Zachello, Paul, and Gurski (2015), and Seno (2014). Methodologically, the research will use participant observation during the workshops and semi-structured interviews with the workshop facilitators, which will subsequently be recorded, transcribed, and analyzed through the lens of discourse analysis. The study is expected to identify how the workshops contribute to the participants' education, autonomy, and professional trajectories, demonstrating that people with Down syndrome possess subjective and interactive potential that should be recognized and fostered in inclusive environments.

Keywords: Autonomy; Down syndrome; Inclusive education; Narratives; Workshops.

1 INTRODUÇÃO

As associações de pessoas com síndrome de Down desempenham um papel essencial ao promover ações que vão desde o apoio à primeira infância e estimulação precoce até a inclusão no mercado de trabalho e a defesa de políticas públicas.

Por meio de oficinas de habilidades sociais, acompanhamento terapêutico, grupos de convivência e campanhas de conscientização — como o “Dia Internacional da Síndrome de Down” —, essas organizações ajudam a romper barreiras atitudinais e a garantir que cada pessoa tenha sua voz (mesmo as não-falantes) respeitada em todos os espaços.

A importância dessas ações está na transformação real da vida dos indivíduos e de suas famílias: ao invés de focar na limitação, as associações fortalecem a autonomia, a cidadania e o pertencimento, mostrando que a deficiência não define o potencial de uma pessoa quando a sociedade oferece acolhimento e oportunidades.

A associação em questão oferece algumas oficinas que favorecem o desenvolvimento dos indivíduos para que se desenvolvam de forma holística; as oficinas são: Teatro, Informática, Dança Folclórica, Gastronomia, Horta, professora de reforço, e Recreação e Esporte. E também oferece assistência de cunho técnicas são estas: Psicopedagogia, Psicologia, Coordenação, Auxiliar Administrativo/professora de apoio e Assistência Social, Auxiliar de Serviços e Motorista. Que serão parte importante para o estudo em questão.

Com base no estudo de Sinhorelli (2020), as oficinas pedagógicas configuram-se como uma metodologia qualitativa particularmente adequada para investigar a expressão da sexualidade e do afeto em jovens com Síndrome de Down. Autores como Paviani e Fontana (2009) destacam que as oficinas oportunizam vivências concretas e significativas, “baseadas em sentir, pensar e agir com objetivos pedagógicos de ação e reflexão” (p. 78), o que é essencial para jovens com deficiência intelectual, pois favorece a aprendizagem por meio da ludicidade e da repetição. Se reforça que a realização de encontros em grupo é uma ferramenta indispensável para criar um espaço que incite a expressão pela fala, enquanto por outro lado aponta que o uso de papel, lápis e lápis de cor constitui um canal privilegiado de comunicação para essas pessoas.

Além disso, há autores que defendem que desenhos elaborados a partir da memória e da percepção dos participantes revelam valores e elementos significativos, permitindo ao pesquisador compreender noções de autoimagem, diferenças de gênero e relações afetivas.

No contexto específico da Síndrome de Down, Sinhorelli (2020) demonstrou que, por meio de oficinas temáticas sobre afeto, autoestima e corpo, os jovens participantes conseguiram externar seus desejos, suas dificuldades e suas concepções – ainda que alguns reproduzissem padrões de beleza da mídia ou demonstrassem autoimagem fragilizada –, evidenciando que a abordagem grupal e dialógica é capaz de dar voz a esses sujeitos historicamente silenciados. Assim, as oficinas não apenas possibilitam a coleta de dados autênticos, mas também atuam como instrumentos de educação sexual emancipatória, respeitando as singularidades e promovendo a cidadania afetiva de jovens com trissomia 21.

As oficinas voltadas para pessoas com Síndrome de Down são ferramentas essenciais para o desenvolvimento de habilidades práticas, autonomia e integração social. Conforme destacam Pollyanna Mayara da Silva e colaboradores (2016), atividades como análise sensorial de alimentos, instrução de higiene bucal com macromodelos e pastilhas evidenciadoras, confecção de jogos educativos (memória, dominó, tabuleiro) e trabalhos manuais (como porta-escovas) não apenas ensinam conteúdos sobre saúde, mas também promovem a interação lúdica, o fortalecimento de vínculos com cuidadores e o respeito ao potencial individual. Essas oficinas, planejadas a partir das demandas da Associação Sorrir para Down, contribuem para a conscientização sobre hábitos saudáveis, a prevenção de doenças, a elevação da autoestima e a construção de um ambiente acolhedor, onde as limitações são superadas por meio da criatividade e do convívio grupal.

Com base na dissertação de Teixeira (2012), as oficinas revelam-se particularmente benéficas para pessoas com Síndrome de Down (Trissomia 21), promovendo ganhos significativos em múltiplas dimensões do desenvolvimento. Os resultados empíricos demonstram que, através da participação em atividades como artes criativas, modelagem, pintura e trabalhos manuais, estes utentes adquirem maior autonomia, autoestima e motivação, além de melhorias na motricidade fina e global, na atenção/concentração e nas competências sociais. Embora alguns indivíduos apresentem progressos mais lentos em determinadas áreas, a evolução positiva é transversal, com destaque para o aumento da socialização e do domínio técnico. A investigação confirma que o ambiente estruturado mas flexível das oficinas, aliado à metodologia de projeto e à interajuda entre pares, permite que jovens com Trissomia 21 desenvolvam aptidões que, de outra forma, dificilmente alcançariam, contribuindo assim para a sua inclusão social e valorização pessoal.

Todos os alunos podem e devem participar nos trabalhos oficinais. Quando se operacionaliza conteúdos que decorrem de motivações que se enredam nas necessidades e nos interesses dos alunos, acredita-se que estas atividades visam superar as limitações que os educandos possam apresentar, melhorando os seus níveis de participação. (TEIXEIRA, p. 39, 2012).

Acreditamos que a comunicação real com o que está sendo proposto nas oficinas com as necessidades dos alunos surge um potencial sentimento de pertencimento e desenvolvimento de aspectos que antes não eram observados. Para isso tomamos a importância das oficinas no enredo formativo e na promoção da independência como contas no devir do texto nosso objetivo.

Objetivamos nesta perspectiva alocar as falas dos oficineiros à priori para **identificar as potencialidades – importância – que as oficinas têm no enredo educativo, formativo e na promoção da independência dos envolvidos; bem como em suas trajetórias profissionais.**

Pessoas com síndrome de Down possuem potencialidades e subjetividades que extrapolam qualquer limitação imposta pelo diagnóstico, sendo essencial compreendê-las a partir de suas singularidades e contextos relacionais. Como afirma o psiquiatra José Salomão Schwartzman, referência no tema da deficiência intelectual, “a síndrome de Down não determina quem a pessoa é, nem o que ela pode vir a ser” (SCHWARTZMAN, 2003, p. 23). Essa visão teórica reforça que ações educativas, terapêuticas e sociais devem focar nas competências de cada indivíduo — incluindo aqueles que não utilizam a fala articulada —, valorizando suas formas próprias de comunicação e interação com o mundo.

Há produção acadêmica consistente que se dedica a investigar, por ângulos diversos, como as narrativas constituem e são constituídas por pessoas com síndrome de Down. Esses estudos, longe de se limitarem a uma análise clínica ou do desenvolvimento, exploram as narrativas em suas dimensões cultural, identitária e educacional.

O trabalho de Gilbert (2012), materializado no livro "Vértice do Impensável: um estudo de narrativas em síndrome de Down", realiza uma análise abrangente das imagens culturalmente construídas sobre essas pessoas, examinando tanto narrativas escritas e iconográficas da mídia e do cinema quanto relatos pessoais para discutir como a condição genética impacta a estruturação da identidade.

Expandindo o olhar para as artes, o artigo de Gilbert e colaboradores (2017) analisa a construção narrativa e os significados sobre a síndrome de Down veiculados em filmes exibidos no festival Assim Vivemos, identificando três eixos narrativos principais e aproximando essas produções de uma "estética da deficiência".

Ainda sobre as narrativas na cultura, Zachello, Paul e Gurski (2015) utilizam a psicanálise para uma "leitura/escuta" do filme Colegas, discutindo as nuances da passagem adolescente de sujeitos com a síndrome e como esses traços narrativos podem contribuir para a reflexão sobre o tema.

A pesquisa de Link (2002), por sua vez, direciona o foco para a narrativa oral dos próprios sujeitos, ao propor uma reflexão sobre o potencial narrativo de pessoas com síndrome de Down em situações de interação verbal, evidenciando sua habilidade para relatos reais e suas dificuldades com a narrativa ficcional.

Complementando este panorama, Seno (2014) realiza uma revisão da literatura especializada sobre as particularidades da linguagem narrativa e da fluência em indivíduos com a síndrome, fornecendo subsídios para o entendimento das dificuldades e potencialidades na expressão verbal de fatos e acontecimentos.

As pessoas com síndrome de Down carregam em si um potencial interativo subjetivo que pode ser explorado, e evidenciado segundo suas particularidades. Não há espaço para projeções biomédicas, mas um campo que ainda precisa ser estudado com maior intensidade. O fato deste trabalho dar luz a importância das oficinas vai ao encontro de quem faz parte delas, os próprios sujeitos da pesquisa as pessoas com síndrome de Down.

2 ASOCIACIÓN DOWN DE RIVERA: BREVE RELATO SOBRE SEUS FINS E LOCAL DE ATENDIMENTO

Lakatos (2009) ao tratar de fontes e documentos ressalta os arquivos particulares sendo a distinção feita “entre domicílios e instituições, pela diferença que se mantém”; na “instituição de ordem privada, tais como bancos, empresas, sindicatos (...) associações e outros, onde se encontram registros, ofícios, correspondências, atas, memoriais, programas, comunicados etc.” (p. 179).

Neste caso, encontramos a Ata de fundação da “Asociación” datada em 29 de novembro de 1996. Trata da sua instituição e sobre seu regulamento; escrita a punho detalha em seu artigo 2, os fins desta instituição:

Esta institución tendrá los siguientes fines:

Brindar atención especializada al Down, desde el nacimiento, permitiéndole alcanzar el máximo de sus posibilidades, en cualquier etapa de su vida.

Asesorar a padres, familia y sociedad.

Coordinar actividades con la familia, instituciones públicas y privadas, nacionales e internacionales, y la sociedad, buscando la integración real a nivel familiar, educativo, social, recreativo y laboral, según las posibilidades de cada uno de los Down.

Percebe-se a real intenção desta instituição que atua há 29 (vinte e nove) anos com a maximização das habilidades das pessoas com Síndrome de Down, além do serviço social, educacional, cultural e laboral destes indivíduos. Este documento escrito a punho e transcrito para este trabalho, ainda no Estádio de Rivera, acerca de 10 (dez) anos a Asociación está localizada na Rua Artigas, nn, Rivera, Uruguay.

3 VISÃO ACERCA DA ASOCIACIÓN DOWN DE RIVERA: PRIMEIROS APONTAMENTOS

A análise de dados seguiu a metodologia de Análise de Conteúdo proposta por Laurence Bardin (2016), uma técnica que permite uma interpretação sistemática e rigorosa das comunicações, sendo especialmente útil em pesquisas qualitativas para compreender conteúdos nem sempre manifestos no discurso.

A análise de conteúdo (seria melhor falar de análises de conteúdo) é um método muito empírico, depende do tipo de ‘fala’ a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo. Não existe coisa pronta em análise de conteúdo, mas somente algumas regras de base, por vezes dificilmente transponíveis. A técnica de análise de conteúdos adequada ao domínio e ao objetivo pretendidos tem de ser reinventada a cada momento, exceto para usos simples e generalizados, como é o caso do escrutínio próximo da decodificação e de respostas a perguntas abertas de questionários cujo conteúdo é avaliado rapidamente por temas. (BARDIN, p.20, 2016).

Este processo foi estruturado nas três fases clássicas preconizadas pela autora: a pré-análise (organização e preparação do material), a exploração do material (codificação e categorização dos dados) e o tratamento dos resultados (inferência e interpretação). No âmbito desta pesquisa, operacionalizou-se a análise temática, que consiste em recortar o texto em unidades de registro (palavras, frases ou temas) e agrupá-las por semelhança semântica para formar categorias analíticas.

Essa técnica foi aplicada na análise das respostas do questionário enviado aos oficinairos da associação que atende pessoas com Síndrome de Down, permitindo identificar e agrupar temas recorrentes como “trajetória profissional”, “desafios do cotidiano” e “transformação pessoal”.

Tomamos como procedimento metodológico no primeiro momento um questionário semi estruturado com 10 perguntas, abertas e fechadas, enviado para toda equipe de profissionais da instituição (oficineiros, técnicos e outros) por meio de *Google Form* enviado via *WhatsApp* neste formulário captamos informações iniciais para compreender o tempo de trabalho na instituição, faixa etária dos participantes, sua formação acadêmica, como conheceu a instituição, qual a situação mais impactante, e a maior

motivação para continuidade no seu trabalho. Além de já assinalar o convite para uma entrevista narrativa para próxima etapa da pesquisa.

Entre os sujeitos que responderam podemos separá-los em grupos de: 7icineiros (horta, recreação, aula de reforço escolar e esporte, teatro, informática, gastronomia e dança folclórica); 3 técnicos (assistente social, psicopedagoga, psicóloga); e 4 na categoria outros (coordenação e administrativo/professora de apoio, motorista e auxiliar de serviços). Os sujeitos têm faixa etária de 28 anos à 59 anos, mantendo uma média de 30 à 40 anos, a maioria.

Quando perguntado sobre o tempo de atividade na associação, nos deparamos com a fundadora, ou seja, 29 anos em atividade, até um técnico e um icineiro de 03 meses na função. O restante varia entre um 01 e 03 anos nas suas funções. O tempo de formação e/ou estudo na área que desempenham suas funções varia entre 3 anos até 38 anos; sendo mais recorrente a menção de 10 anos para baixo. Há uma menção de não poder estudar por falta de tempo e outras situações.

Com base nos dados sobre como os sujeitos conheceram a associação, é possível inferir que os mecanismos informais e comunitários – como recomendações de trabalho (05) e difusão pela sociedade em geral (05) – desempenham um papel tão expressivo quanto os canais institucionais formais (convocação pública, entrevista de emprego). A presença de uma fundadora e de um sujeito que remonta ao tempo da fundação (“Cuando la sede era en el Estadio”) indica que a memória afetiva e os vínculos de longa data ainda permeiam o tecido organizacional. Essa combinação sugere que a associação não é percebida apenas como um empregador ou prestador de serviços, mas como uma rede de pertencimento que se renova tanto por laços pessoais quanto por canais abertos à coletividade. Consequentemente, estratégias de recrutamento e fortalecimento institucional podem se beneficiar ao valorizar ambas as vias: “o boca a boca” qualificado e os processos públicos transparentes, garantindo que a tradição e a inovação convivam sem excluir as novas gerações de colaboradores.

Podemos dividir os grupos o que versam sobre situações que impactam a prática dos envolvidos: (09) as de impacto positivo: desenvolvimento, inclusão social, autonomia, autoestima e comunicação; participação em Olimpíadas Especiais; (03) dificuldades com as famílias, na problemática em levar os alunos até a instituição, nesta resposta ainda contamos com uma sugestão de projeto social que acompanhe e oriente as famílias das crianças com Síndrome de Down desde seu nascimento; temos temas pontuais como: (01) resolução de conflitos pontuais e (01) “*quando se incendio la camioneta*”.

Quando perguntamos pelas habilidades que se desenvolvem com maior frequência nos alunos notamos um (01) indivíduo que enxerga desenvolvimento holístico passando por habilidades sociais, de comunicação, expressão corporal, resolução de problemas diários, expressão artística, a criatividade, uso de tecnologia básico de ferramentas digitais e a participação de ações na sociedade, intervindo na comunidade e inclusão. (10) Apontam para habilidades sociais: comunicação, expressão afetiva,

A compreensão dessas duas lógicas motivacionais – uma centrada na autonomia e no reconhecimento pessoal, outra ancorada na afetividade e na transformação concreta da vida dos alunos – impõe à instituição o desafio de cultivar uma gestão plural e sensível às diferenças. Valorizar tanto a independência quanto o vínculo, tanto a autoestima quanto a reciprocidade, não é apenas uma questão de justiça interna, mas a chave para sustentar o engajamento de todos os profissionais. Ao acolher essas duas fontes de motivação como complementares, a instituição fortalece sua identidade como um espaço onde o desenvolvimento pessoal e a missão social caminham juntos, garantindo que cada sujeito encontre sentido em suas ações e, assim, siga adiante com propósito

4 CONCLUSÃO

Diante do exposto, evidencia-se que o quadro de profissionais da associação é composto por um grupo heterogêneo em termos de tempo de atuação, formação e formas de ingresso, reunindo desde a fundadora até técnicos recentes. As percepções sobre a prática revelam tanto impactos positivos – como desenvolvimento da autonomia, inclusão social e autoestima dos alunos – quanto desafios significativos, especialmente relacionados à dificuldade de envolvimento e suporte das famílias. No que tange às habilidades mais frequentemente desenvolvidas pelos alunos, destacam-se, de forma predominante, as competências sociais, comunicativas e afetivas, ainda que um olhar holístico também aponte ganhos motores, artísticos e de participação comunitária.

Por fim, a principal força motriz que sustenta o trabalho desses sujeitos reside nas vivências cotidianas com os alunos e na percepção concreta dos avanços em independência, autoestima e reciprocidade afetiva. Conclui-se, portanto, que o compromisso institucional se ancora menos em fatores formais ou estruturais e mais na qualidade das interações e nos resultados transformadores observados no desenvolvimento dos jovens com Síndrome de Down, sendo essencial ampliar estratégias de acolhimento às famílias para potencializar ainda mais esse processo.

REFERÊNCIAS

Andrade, Isabel Cristina Gavazzoni Bandeira; França, Thais; Salm, Letícia; Souza, Ana Marize Pacheco de; Fogaça, Hamilton; Lobe, Maria Cláudia Schmitt; Perini, Laís Dadan; Schmitt, Ana Bruna; Silva, Pollyanna Mayara da. Relato de experiência de extensão no cuidado da saúde de familiares, cuidadores e indivíduos com síndrome de Down. Extensio: **Revista Eletrônica de Extensão**, Florianópolis, v. 13, n. 24, p. 116-127, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5007/1807-0221.2016v13n24p116>. Acesso em: 05 jun. 2026.

Bardin, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 3. reimp. da 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

Gilbert, Ana Cristina Bohrer. **Vértice do impensável**: um estudo de narrativas em síndrome de Down. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2012.

Gilbert, A. C. B. Narrativas sobre síndrome de Down no Festival Internacional de Filmes sobre Deficiência Assim Vivemos. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 21, n. 60, p. 111–121, jan./mar. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0958>. Acesso em: 05 jun. 2026.

Lakatos, Eva Maria; Marconi, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009

Link, Deizi Cristina. **A narrativa na síndrome de Down**. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/24457>. Acesso em: 05 jun. 2026.

Paviani, Neires Maria Soldatelli; Fontana, Niura Maria. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. **Conjectura: Filosofia e Educação**, Caxias do Sul, v. 14, n. 2, p. 77–88, maio/ago. 2009. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/16>. Acesso em: 05 jun. 2026.

Schwartzman, José Salomão (org.). **Síndrome de Down**. 2. ed. São Paulo: Memnon; Mackenzie, 2003.

Seno, Marília Piazzzi; Giacheti, Célia Maria; Moretti-Ferreira, Danilo. Linguagem narrativa e fluência na síndrome de Down: uma revisão. **Revista CEFAC**, v. 16, n. 4, p. 1311–1317, jul./ago. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-0216201424512>. Acesso em: 05 jun. 2026.

Sinhorelli, Mirian. **Oficinas pedagógicas**: um instrumento de expressão da sexualidade de jovens com Síndrome de Down. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/192471>. Acesso em: 05 jun. 2026.

Teixeira, Elisabete de Belém Guedes. **Importância das oficinas**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação na Especialidade de Educação Especial e Domínio Cognitivo e Motor) – Escola Superior de Educação Almeida Garrett, Lisboa, 2012. Disponível em: <https://recil.ulusofona.pt/items/157f40a9-98fa-4fb0-82cc-a43d45a91b15>. Acesso em: 05 jun. 2026.

Zachello, Camilla; Paul, Fernanda Mantese; Gurski, Roselene. Adolescência e síndrome de Down na tela. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 459–474, 2015. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v20i3p459-474>. Acesso em: 05 jun. 2026.